

O ENSINO DA LÍNGUA ESTRANGEIRA: PROCESSOS METODOLÓGICOS NA APRENDIZAGEM

FOREIGN LANGUAGE TEACHING: METHODOLOGICAL PROCESSES IN LEARNING

LA ENSEÑANZA DE LA EXTRANJERA: PROCESOS METODOLÓGICOS EN EL APRENDIZAJE

André Natalino Castro Silva¹

¹Graduado em Letras pelo Instituto Ensino Superior do Amapá- IESAP e Acadêmico do Curso de Pós-Graduação em Metodologia do Ensino de Língua Portuguesa e Estrangeira pelo Centro Universitário Internacional Uninter.

André Luiz Martins Lopez de Scoville²

¹ Doutor em Letras (UFPR), consultor nas áreas de Literatura, Arte e Cultura.

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo discutir as metodologias utilizadas em sala de aula no processo de ensino-aprendizagem de língua estrangeira, visto que pelo uso inadequado de metodologias de ensino, surgiu um déficit muito grande em relação ao ensino e aprendizado de línguas no Brasil. Para exemplificar, algumas pesquisas realizadas por instituições internacionais apontam que o Brasil está entre os dez países com os piores falantes de inglês do mundo. A proficiência e a fluência no idioma são a busca de todo estudante de línguas e o objetivo a ser alcançado por professores para com seus alunos. Quando isto não ocorre há uma possibilidade muito grande de desestímulo ou até mesmo a desistência do aluno em aprender um novo idioma deixando muitas vezes o professor com dúvidas sobre qual metodologia utilizar. Sendo assim, é de fundamental importância o conhecimento de métodos e abordagens mais eficazes para o ensino de línguas em nosso contexto atual, no qual o desenvolvimento das tecnologias e meios de comunicação podem ser aliados e também inimigos, e os professores devem saber utilizar esses recursos para a melhoria tanto do ensino quanto da aprendizagem de língua estrangeira.

Palavras-chave: Metodologia. Ensino. Aprendizagem. Língua estrangeira.

ABSTRACT

This study aims to discuss the methodologies used within the classroom in the foreign language teaching-learning process. Through the years, wrong teaching methodologies have been used which caused a foreign language teaching and learning deficit. Some researches done by international institutions can be used to exemplify how Brazil is among the tenth worst countries in the world regarding speaking English. Proficiency and fluency in a language is the quest of every language student and the objective to be reached by the teachers regarding their students. When it does not happen, students tend to be demotivated or even desist to learn a second language, which, in several times, causes a certain doubt in teacher's minds what methodology to follow. Thus, it is paramount to dominate more contemporary and efficient methodologies and approaches. The development of new technologies and mass media can be an allied or an enemy and teachers must know how to use such resources to improve foreign language teaching and foreign language learning as well.

Key words: Methodology. Teaching. Learning. Foreign Language.

RESUMEN

Este trabalho tiene como objetivo discutir las metodologías utilizadas en el aula en el proceso de enseñanza-aprendizaje de lengua extranjera, puesto que por el mal uso de las metodologías de enseñanza, surgió un déficit muy grande en relación con la enseñanza y al aprendizaje de idiomas en Brasil. Por ejemplo, algunas investigaciones realizadas por instituciones internacionales indican que Brasil está entre los diez países con los peores anglohablantes en el mundo. El dominio y fluidez en la lengua es la búsqueda de todos los estudiantes de idiomas y el objetivo y el deseo del profesor de lengua con respecto a sus alumnos, cuando esto no ocurre existe la posibilidad de desalentar o incluso el retiro del estudiante en aprender un idioma nuevo, dejando muchas veces la maestra con preguntas acerca de qué metodología utilizar. Por lo tanto, es de fundamental importancia el conocimiento de métodos y enfoques más eficaces para la enseñanza de lenguas en nuestro contexto actual, en el que el desarrollo de las tecnologías y los medios de comunicación pueden ser aliados y enemigos, y los docentes deben saber utilizar estos recursos para mejorar la enseñanza y el aprendizaje de la lengua extranjera.

Palabras-clave: Metodología. Enseñanza. Aprendizaje. Lengua extranjera.

INTRODUÇÃO

Este trabalho aborda a importância dos processos metodológicos no ensino de língua estrangeira e faz uma revisão histórica dos métodos de ensino. Sabe-se que ensinar qualquer idioma não é uma tarefa fácil, pois envolve uma boa didática e o uso correto de tecnologias que facilitem a aprendizagem. Partindo desse pressuposto, a discussão levantada sobre o tema é de fundamental importância para esclarecer e compartilhar conhecimentos e ideias.

Parte-se de um resumo do processo histórico do ensino de línguas no Brasil, citando acontecimentos e fatos importantes que ilustram os passos dados e os avanços alcançados. O conceito de método é apresentado e também é feita a apresentação dos principais métodos utilizados no Brasil para o ensino de língua estrangeira, citando as características e as falhas que os estudiosos encontraram nestes e seguiram apresentando novos métodos que surgiram para suprir as lacunas deixadas pelos métodos anteriores.

O ensino de língua estrangeira para o adulto é apresentado neste trabalho citando muitas situações que o envolvem e que podem dificultar ou facilitar a atividade do professor. Por fim, discute-se o papel do professor nesta mediação do ensino-aprendizagem, o uso de tecnologias que possam tornar o aluno mais interessado pela língua em estudo e mais ativo no processo de aprendizagem, porém ainda mostrando

que o professor tem um papel de fundamental importância e ainda é o principal responsável pela qualidade do ensino.

CONTEXTO HISTÓRICO

Quando se fala nos processos de ensino-aprendizagem de língua estrangeira é possível fazer um passeio nesse contexto pela história do Brasil. Como é aprendido nas escolas desde as séries iniciais, antes de 1500, os povos indígenas eram os únicos habitantes destas terras e possuíam seus próprios idiomas. Porém, com a chegada dos portugueses e a catequização realizada pelos jesuítas, se inicia um processo de ensino e aprendizagem de um novo idioma, podendo-se afirmar que alguma metodologia de ensino foi aplicada.

Mulik (2012, p. 15-16) cita que, segundo documento citado nas Diretrizes Curriculares Estaduais de Língua Estrangeira Moderna (2008), no período de colonização havia duas disciplinas dominantes: o grego e o latim. Porém, em 1759 o Marquês de Pombal realizou algumas consideráveis mudanças, instituindo que professores não-religiosos fossem contratados.

Ainda segundo Mulik, o ensino de línguas modernas começou a ser valorizado a partir de 1808. Porém, por ser considerado de grande importância para o desenvolvimento do pensamento e da literatura, o grego e latim continuaram a fazer parte do currículo.

Com a chegada da família real portuguesa em 1808, o ensino de línguas modernas deu um grande passo, pois em 1837 foi criado o Colégio Pedro II, e um pouco mais tarde, em 1855, as línguas modernas foram inseridas no currículo escolar.

Mulik (2012, p. 15-16) ainda cita que houve um processo de inserção de línguas no currículo do Colégio Pedro II, que iniciou com sete anos de francês, cinco de inglês e três de alemão, e em 1831 o ensino de italiano entra no currículo do colégio.

O ensino da língua estrangeira: processos metodológicos na aprendizagem

Tabela 1. O ensino das Línguas de 1890 à 1921 em horas de estudo.

ANO	LATIM	GREGO	FRANCÊS	INGLÊS	ALEMÃO	ITALIANO	ESPAÑHOL	TOTAL HRS
1890	12	8	12	11 ou	10	-	-	43
1892	15	14	16	16	15	-	-	76
1900	10	8	12	10	10	-	-	50
1911	10	3	9	10 ou	10	-	-	32
1915	10	-	10	10 ou	10	-	-	30
1925	12	-	9	8 ou	8	2f ¹	-	29
1921	6	-	9	8	6f	-	-	23

Fonte: Leffa (1999)

A exportação de riquezas brasileiras dá-se desde após o descobrimento, e é de fato, muito difícil não citar a importância da língua inglesa neste processo de desenvolvimento e crescimento.

(...) a presença da cultura britânica no desenvolvimento do Brasil, no espaço, na paisagem, no conjunto da civilização do Brasil, é das que não podem ser ignoradas pelos brasileiros interessados na compreensão e interpretação do Brasil. (FREYRE, 1922 apud DIAS, 1999, p. 27)

O que pode ser criticado no ensino de línguas desde então são as metodologias utilizadas, visto que muitas metodologias mais eficazes surgiram desde então. De acordo com Leffa, “a metodologia de ensino para as chamadas línguas vivas era a mesma das línguas mortas: tradução de textos e análise gramatical” (1999, p. 3) Dando atenção para a crítica de Leffa, é visto que tais metodologias não alcançavam o resultado esperado e foram mantidas por um longo tempo causando graves problemas, inclusive problemas administrativos, uma vez que, segundo Chagas o ensino passou a ser realizado “às pressas e sem rigor científico” (Chagas, 1957, p. 89).

Chagas ainda questiona duramente a seriedade com que as metodologias eram aplicadas naquela época.

Se antes não estudavam os idiomas facultativos, a esta altura já não se aprendia nem os obrigatórios, simplesmente porque ao anacronismo dos métodos se avaliava a quase-certeza das aprovações gratuitas. (CHAGAS, 1957, p. 89)

Analisando o contexto histórico, o entendimento adquirido é de que tanto o ensino quanto a aprendizagem de uma nova língua sempre passaram por dificuldades

metodológicas, causando assim a dificuldade e até mesmo o bloqueio no aprendizado do aluno.

OS MÉTODOS E O ENSINO DE LÍNGUAS

Tratar de métodos no ensino é falar sobre os caminhos traçados para chegar a um resultado, que neste caso é a aprendizagem. Pode-se afirmar, então, que ensino e aprendizagem são palavras bem ligadas, pois pela lógica, se alguém ensina, outro indivíduo aprende. Será?

Se o ensino depende de métodos, o que são eles?

O método deve expressar [...] uma compreensão global do processo educativo na sociedade; os fins sociais e pedagógicos do ensino, as exigências e desafios que a realidade social coloca, as expectativas de formação dos alunos para que possam atuar na sociedade de forma crítica e criadora, as implicações da origem de classe dos alunos no processo de aprendizagem, a relevância social dos conteúdos de ensino. (LIBÂNEO, 1994, p. 150)

O método é então uma sintonia de técnicas que obedecem a um determinado plano de estudos e que são direcionados por uma abordagem ou modelo teórico.

Baseando-se em Brown (2000, p. 15-16), tem-se as seguintes definições para os termos:

- metodologia é o estudo das práticas pedagógicas. É o “como ensinar”;
- abordagens são as posições e crenças teóricas sobre a natureza da língua, de seu aprendizado e sua aplicabilidade em padrões pedagógicos;
- método é generalizado como um conjunto de especificações para a aula com a finalidade de atingir os objetivos linguísticos;
- curriculum (EUA) ou syllabus (Reino Unido) são feitos para desenvolver um dado plano de língua;
- técnicas são quaisquer dos diversos exercícios, tarefas, atividades usadas durante a aula de língua com a finalidade de atingir os objetivos de aprendizagem.

OS PRINCIPAIS MÉTODOS DE ENSINO DE LÍNGUA ESTRANGEIRA APLICADOS NO BRASIL

Muitos foram os métodos de ensino utilizados no decorrer da história. Alguns nortearam por muito tempo o ensino de LE, tais como: o método de tradução e gramática, o método direto, o método de leitura e o método audiolingual onde todos são

embasados na Teoria Comportamental. Segundo teóricos comportamentais, tais como Pavlov e Skinner, o resultado da aprendizagem é uma mudança ou aquisição de comportamentos observáveis causadas por estímulos externos ou ambientais – esses comportamentos observáveis é que são os resultados da aprendizagem.

Após o método audiolingual, surgem o método estrutural-situacional, o método cognitivo, o método funcional, chegando-se à abordagem comunicativa, baseada na teoria sociointeracional de Vygotsky, pesquisador contemporâneo de Piaget.

A teoria de ambos se complementam, pois, ambos apontam para um processo de ensino-aprendizagem compostos de conteúdos organizados, que são transmitidos por meio da interação social de uma pessoa, a qual se torna um agente de transformação na sua comunidade. (Lakomy, 2008, p. 43)

Observe as definições acerca dos métodos de acordo com Sant'anna *et al.* (2014):

Método da Tradução e da Gramática (MTG): o nome deste método é bem explícito quanto ao seu funcionamento. Conhecido como o método mais antigo no ensino de língua estrangeira, visto que no contexto histórico da humanidade o ensino de línguas tem suas raízes bem distantes, este foi um dos métodos utilizados no Brasil. O método conhecido como MTG tem suas bases na tradução de textos e no estudo das regras gramaticais da língua estudada, ocorrendo uma comparação entre a língua materna e a língua estrangeira em estudo.

Apesar de ser antigo, Brown (1994) cita que atualmente muitos professores fazem seu uso, e completa dizendo que os profissionais que ainda utilizam este método são professores que não se especializaram, profissionais com grau ético duvidoso e com pouco desempenho social em relação à própria profissão.

Richards e Rodgers (1986) questionam se o Método da Gramática e da Tradução pode assim ser chamado, pois segundo os autores, o MTG não possui embasamento linguístico, psicológico ou pedagógico, mesmo que tenha sido contemporâneo a essas áreas de conhecimento, e que o MTG não traz domínio da língua e o desenvolvimento das habilidades e competências que o aluno necessita e deve ter.

A comunicação oral não é o objetivo deste método, pois a leitura e a escrita são as habilidades que serão desenvolvidas no decorrer deste processo. Regras gramaticais, listas de vocabulário, conjugações verbais e outros componentes da gramática serão

trabalhados com os alunos, que por meio de um aprendizado mecânico serão fixados e memorizados, assim como também há um foco na compreensão da morfologia e sintaxe da língua estrangeira, para que o aluno seja capaz de traduzir textos para a sua língua materna, ou da língua materna para a língua estrangeira e compreender através da leitura a literatura escrita de outra cultura.

As correções das atividades, apesar de serem feitas de forma oral, eram feitas em língua materna não havendo nenhum contato com a língua estrangeira na forma de oralidade. Neste método o professor é o centro, o detentor do conhecimento, sendo assim a interação que ocorre é de aluno-professor, pois neste caso, a interação aluno-aluno não ocorre. Chagas (1956, p. 26.) comenta:

As palavras, vertidas isoladamente, deveriam ser mais tarde religadas pelo aluno através do conhecimento memorizado de regras totalmente alheias ao contexto real do idioma. Em vez de uma técnica de ensino, nascera uma liturgia.

Com o passar dos anos o MTG começa a ser questionado por especialistas da área de forma mais abrangente, pois houve uma insatisfação pelos resultados adquiridos. A revolução industrial estimulou este questionamento, pois a necessidade de comunicação entre as nações cresceu. Assim, somente leitura e tradução não eram suficientes, e várias diferentes tentativas de ensino tomaram conta do cenário, focando o ensino da oralidade, do uso natural da língua, resultando assim em um novo método, o Método Direto (MD).

Método Direto (MD): O MD se popularizou na Europa no início do século XX em países como Bélgica, França e Alemanha, no qual oficializaram o uso do MD nas escolas públicas. Nos EUA, a Escola Berlitz fez uso do método, pois havia a crença de que o MD traria resultados satisfatórios na comunicação oral corrigindo a deficiência do MTG para desenvolver as competências comunicativas necessárias no aluno.

Acreditava-se que o ensino de língua estrangeira (LE) segue o curso de aprendizado de uma língua materna (LM), como acontece com uma criança e que o significado pode ser dado diretamente em LE.

No MD o aluno passa a ter papel ativo, e a interação aluno-aluno passa a existir, pois ocorre um encorajamento para que o aluno possa produzir a fala, descrevendo

situações reais do cotidiano. As aulas são monolíngues, isto é, são ministradas somente em LE, fazendo com que os alunos aprendam a pensar na língua-alvo.

As principais técnicas utilizadas no MD são: leitura em voz alta, em caso de dúvidas de sentido/significado de palavras ou expressões, o professor utiliza a linguagem corporal, mímicas, figuras, ilustrações para esclarecê-las; perguntas e respostas completas; diálogos; exercício de preenchimento de lacunas com o uso da gramática de forma indutiva; ditado; produção escrita de assuntos abordados em sala.

Após esse cenário revolucionário que o MD causou, o MTG começa a ser retomado em 1920 nas escolas públicas, focando novamente o ensino da tradução e da gramática, nas habilidades de leitura e escrita. Porém o MD continuou a ser utilizado nas escolas de idiomas, onde o foco era a comunicação através da oralidade e da maior interação com o aluno.

A crença imposta pelo MD de que professores nativos eram melhores que os licenciados e a dificuldade encontrada por professores não nativos em ministrarem as aulas totalmente na língua alvo iniciaram uma nova discussão sobre os métodos de ensino.

Com a dificuldade de saída dos estudantes para o exterior para colocar o aprendizado em prática, volta a ideia de que a escola não necessariamente deveria ensinar a oralidade ao aluno, mas sim oportunizar o gosto pela literatura e cultura do povo da língua-alvo, o que levou a uma junção do MTG e MD que resultou no Método da Leitura (ML).

Método da Leitura (ML): Este método teve início em meados de 1920 e surgiu devido à falta de professor com fluência na língua-alvo. O MD só era praticado em sala de aula, pois havia pouca saída de pessoas para o exterior para que pudessem praticar o idioma em estudo. Como resultado de junção do MTG e MD, o ML enfatizava a língua escrita e o estudo da gramática quando necessário, propondo também que os alunos se tornassem ativos no processo de ensino-aprendizagem.

No ML o conhecimento da fonologia da LE auxilia e expande a compreensão do código escrito, os aspectos culturais estabelecem relações com a compreensão textual. As aulas que utilizavam o ML eram ministradas em LM, não necessitando a fluência na língua de ensino. O processo tinha uma divisão: a leitura intensiva, feita em sala de aula; e

a leitura extensiva, realizada fora do ambiente escolar. Celce-Murcia (1991, p. 5-6) não considera o ML como método, mas como abordagem (*Reading Approach*) que foi considerada como uma reação às dificuldades que tornaram o MD impraticável.

Na década de 1930 o ML espalhou-se pelos EUA e permaneceu até o final da Segunda Guerra Mundial. Novamente foi retomada a ideia de que a linguagem oral era necessária, e novamente houve um processo de estudos e transição de métodos.

Método Audiolingual (MAL): Com o início da Segunda Guerra Mundial, o MD e o ML se mostraram ineficazes no ensino de LE devido ao excesso de tempo necessário para um aprendizado eficiente. Havia a necessidade de encurtar o tempo de aprendizagem e de que os resultados alcançados fossem realmente eficazes.

Se caracterizando pelo grande número de atividades orais, o foco na pronúncia e atividade de conversação, o MAL difundiu-se rapidamente, tornando-se o método utilizado pelas escolas de idiomas. Todas essas atividades orais eram feitas através de *drills*, que é a ferramenta de repetição para aperfeiçoamento de uma técnica, que neste caso era a produção oral em LE. O uso do gravador e de gravações de falantes nativos é característica do MAL, pois os alunos praticavam o modelo da fala gravada e o professor era o segundo recurso no quesito “fala modelo”. No MAL, a fala antecede a escrita e forma a seguinte ordem: audição, fala, leitura e escrita. Com base no behaviorismo ou comportamentalismo, o MAL segue os estudos de Skinner, os quais explicam e defendem a aprendizagem em termos de formação de hábitos. Esses hábitos são criados por imitação e reforçados por repetição, além disso, os erros são corrigidos imediatamente para evitar hábitos linguísticos ruins. A reação ao erro e a interação em sala de aula deve ocorrer a partir do professor, e em seguida a interação aluno-aluno é encorajada. Ritmo, entonação, tonicidade silábica e pronúncia correta são o foco de todas as aulas e a gramática é indutiva.

A Abordagem comunicativa (AC): Depois de várias tentativas de encontrar o melhor método de ensino de LE, os especialistas da área ainda encontravam falhas nos métodos disponíveis, pois estes não levavam ao aprendizado satisfatório, alguns focavam mais na gramática e outros mais na oralidade. Sendo assim, a busca por um método eficaz não cessou. O método ideal deveria abordar as quatro habilidades (*speaking, listening, writing, reading*) com a mesma importância.

A Abordagem Comunicativa (AC) surgiu entre o final da década de 1970 e início de 1980, com o papel de sanar todas essas lacunas deixadas pelos métodos anteriores.

Pode-se dizer que a AC veio para não falhar, pois este método é um resultado de pesquisas sobre aquisição de LE em várias áreas de conhecimento, na linguística aplicada, cujos principais nomes são: Wilking (1976) e Widdowson (1978); na psicologia, sociointeracionismo e análise do discurso são: Piaget (1954-1970), Vygotsky (1984-1987) e Rogers (1960).

Com essa gama de estudos em várias áreas de conhecimento para o melhor ensino de LE, a AC demonstra ser uma excelente forma de ensino-aprendizagem, pois atende às necessidades específicas dos alunos e dá uma vasta opção no uso de materiais e diversas formas de atividades. Fundamentados por essa abordagem, Widdowson, Wilkins e Hymes confrontam a ideia da *competência linguística*, onde citam que o uso da fonologia, sintaxe e o léxico não são suficientes para que um falante tenha uma comunicação competente. Daí o conceito de *competência comunicativa*, com o objetivo de usar o idioma no seu sentido real, isto é, ser capaz de usar a língua, de produzir e compreender textos nas línguas-alvo. Hymes sistematizou a competência comunicativa em mais quatro competências: competência discursiva, competência gramatical, competência estratégica e competência sociolinguística, criando a ideia de que para ter a competência comunicativa se deve saber quando falar, quando não falar, a quem, com quem, onde e de que maneira falar.

Neste pressuposto, não vale apenas saber somente o significado da palavra, mas seu devido uso em um contexto correto. O uso de *roleplays*, que é a dramatização de situações reais, fez com que o aluno se tornasse mais ativo, mais participativo, a interação aluno-aluno e professor-aluno ganhou destaque. Mesmo que o papel dos *roleplays* fosse de encorajar e facilitar o uso do idioma, os erros são considerados parte do processo de aprendizagem e são corrigidos no decorrer do tempo, no desenvolvimento do curso. Para Widdowson, alguém que sabe uma língua sabe, na verdade mais do que apenas entender, falar, ler e escrever sentenças, sabe também como sentenças são utilizadas para atingir a comunicação de maneira efetiva.

Como não poderia deixar de acontecer, a AC também é discutida e criticada por muitos estudiosos, por outro lado, estudiosos também encontram na AC a melhor forma

de ensino de LE. Vale ressaltar que no decorrer das apresentações do método, sempre surgiu um novo método tentando preencher as lacunas deixadas por seu antecessor, seja ela na gramática ou oralidade. Sendo assim, é correto afirmar que, a AC será sempre um objeto de estudo onde serão encontradas falhas e que de cada método apresentado é possível retirar algo proveitoso para o ensino de LE.

O ENSINO-APRENDIZAGEM DE LÍNGUA ESTRANGEIRA DO ALUNO ADULTO

O processo de ensino-aprendizagem de LE do aluno adulto passa por várias observações, visto que, pode-se dizer que é uma faca de dois gumes, pois envolve diversos fatores que podem facilitar ou dificultar o desenvolvimento da competência comunicativa deste aluno.

O aluno adulto pode ser um aluno da EJA, um aluno universitário, um aluno de um curso livre de inglês, mas que apresenta e traz no seu dia-a-dia muitas outras responsabilidades. Muitos alunos trabalham na maior parte do dia, ou estudam nos turnos restantes, ou cuidam dos filhos, portanto o aprendizado de LE talvez não seja a prioridade deste aluno. Surgem então algumas frases conhecidas como: *“não consigo aprender esta língua”, “não tenho tempo para estudar”, “não gosto de inglês”*. Essas frases fazem com que os professores tentem de todas as formas possíveis fazer com que este aluno desenvolva a competência comunicativa proposta. Porém, Charlot (2006, p. 15) afirma que *“se o jovem (ou adulto) não se mobiliza intelectualmente, ele não aprende. O que quer que o professor faça, ele não pode aprender no lugar do aluno”*.

Pode-se afirmar que ensinar para crianças é totalmente diferente do que ensinar para adultos, pois as atividades para o desenvolvimento destes são diferentes. No ensino de crianças o professor passa a viver num contexto infantil com atividades que envolvam este público. A afetividade é um fator fundamental para se criar um vínculo entre a criança e o professor. Já no ensino de adultos, o ambiente é diferenciado, as atividades são relacionadas a um contexto que esteja presente na realidade do aluno, por isso a importância de um método que prenda a atenção do aluno, fazendo com que ele queira

estar naquele ambiente de ensino, sinta necessidade, interesse de estar em sala de aula. Esse desligamento entre a afetividade e a racionalidade é questionável, pois, segundo a *unidade dialética dos contrários*, afetividade e cognição se complementam.

Segundo a teoria de Vygotsky:

A razão tem efetivamente o papel de controle dos impulsos emocionais do homem cultural adulto, relacionado à auto regulação do comportamento. Mas esse papel não deve ser confundido com a ideia de uma razão repressora, capaz de anular ou extinguir os afetos. Ao contrário, com o desenvolvimento, a razão está a serviço da vida afetiva, na medida em que é instrumento de elaboração e refinamento dos sentimentos. Isso fica evidente no fato de que Vygotsky postula para o ser humano adulto a possibilidade de construir um universo emocional complexo e sofisticado (em comparação aos animais e às crianças) e não uma ausência de emoções, que teriam sido suprimidas pela razão. (OLIVEIRA; Rego, 2003, p. 21-22)

Entende-se então que o ambiente em sala de aula deve ser favorável, causando afetividade entre aluno-professor e aluno-aluno, não relacionado às emoções ou sentimentos, mas às necessidades, aos interesses dos alunos e no entendimento de seus contextos histórico e sociocultural para o real desenvolvimento das habilidades comunicativas. Com o ambiente favorável os bloqueios para o aprendizado podem até não desaparecer totalmente, mas serão minimizados, visto que muitos alunos não gostam de se expor, principalmente no aprendizado de um novo idioma, pelo receio de cometerem erros diante dos colegas e do professor. Cabe então ao educador passar essa segurança ao aluno, mostrando que o erro faz parte do processo de ensino, e que esses bloqueios trarão prejuízos à aprendizagem do mesmo. Apesar do aluno ser adulto, ainda existem os bloqueios, porém a afetividade e a segurança de produzir em LE é passada para o aluno ao longo do processo de ensino.

O PAPEL DO PROFESSOR COMO MEDIADOR NO PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM E USO DAS TECNOLOGIAS

Ensinar não é uma tarefa fácil, pois envolve muitas competências que devem ser utilizadas da melhor forma possível. Atualmente o ensino-aprendizagem passa por um momento de adaptação com as tecnologias e o professor não pode ficar preso em métodos que descartem seu uso, visto que todas as pessoas as utilizam. No processo

histórico as metodologias sempre estavam se adaptando para suprir as necessidades de cada época e hoje não é diferente. Se for analisado o contexto histórico das tecnologias no ensino de LE, volta-se a 1905, com o uso de recursos como pôsteres, fotografias, slides à base de lanterna e mapas. Um pouco mais tarde foi inserido o uso de filmes, que só passaram a ter sons no final da década de 1920. O uso do rádio como mídia instrucional também fez parte deste contexto, seguido no período pós-guerra pelo uso da instrução audiovisual que se mostrou bastante eficaz. A televisão, por sua vez, passou a exibir programas educativos voltados para o ensino em diversas áreas de conhecimento, inclusive de idiomas estrangeiros.

Transformar o ensino partindo da lousa e do livro didático para o uso de outras tecnologias exige constante atualização de conhecimentos do professor. Além de saber lidar com as novas formas de ensino oferecidas, o professor tem que lembrar que ele deve ter o domínio destas e que, mesmo ele não sendo mais o centro, o detentor do saber absoluto, é seu papel encorajar e criar a autoconfiança no aluno, utilizando as mais diversas formas de ensino.

Fazendo uma lista de tecnologias que podem ser utilizadas para o ensino de LE, observa-se as seguintes entre várias outras opções:

- Áudio: o aluno estará exercitando o *listening* e também o *speaking*, pois com certeza fará repetições do diálogo oferecido.

- Internet: esta opção cria alguns outros subtópicos como: vídeos, chat on-line, e-mail, fazendo com que além do aluno aprender, ele interaja com demais pessoas que também estejam aprendendo, ou apenas para praticar a língua em estudo.

- Filmes: assim como no trabalho com áudio, os filmes oferecem um recurso a mais, o contato visual. É importante que o filme seja assistido em inglês, ou legendado, dependendo do nível que o aluno se encontra.

É importante ressaltar que todas essas tecnologias utilizadas devem ser inseridas em um contexto que envolva o aluno com fatos e acontecimentos relacionados ao seu cotidiano, fazendo com que ele queira aprender para logo em seguida colocar em prática entre amigos ou no ambiente de trabalho. Portanto, o professor tem a total responsabilidade na escolha de métodos e tecnologias no ensino de LE. Se o aluno está desenvolvendo a competência comunicativa de forma proveitosa e objetiva, é porque o

professor está no caminho certo, isso não quer dizer que deva parar por aí, sabe-se que o ato de ensinar se renova a cada dia.

METODOLOGIA

Verificando a necessidade de discussão do tema proposto neste trabalho, seu embasamento foi realizado em pesquisas bibliográficas, não podendo descartar também a experiência vivida em sala de aula no ensino de LE, visto que a qualidade do ensino e os métodos utilizados melhoram e se atualizam com o passar do tempo, abrindo um novo campo para discussões. A pesquisa bibliográfica esclareceu e norteou, através de conceitos teóricos e dos métodos apresentados, formas de trabalhar para desenvolver a aprendizagem do aluno de forma mais eficaz, apresentando também os pontos fortes e fracos de cada método. Percebeu-se que a teoria tem um elo com a prática, pois na observância do comportamento do aluno em sala de aula é possível afirmar que os métodos apresentados e discutidos neste trabalho são diariamente utilizados no ambiente escolar.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Historicamente o ensino de língua estrangeira no Brasil apresentou uma série de dificuldades e muitas tentativas foram feitas no sentido de minimizá-las.

O uso dos métodos de ensino veio para tentar acabar com essas dificuldades, porém os métodos sempre deixavam lacunas o que estimulava o surgimento de novos métodos. O resultado de tudo isso é que o aluno tem um papel diferente dentro de cada método.

Dá-se a atender que os métodos são apenas ferramentas, e que cada método apresenta seu ponto positivo no ensino, tendo assim o professor, que aproveitá-los da melhor maneira possível em sua diversidade de atividades, inclusive aproveitando os avanços tecnológicos, cujos recursos podem ser bastante proveitosos em sala de aula. Não é possível afirmar qual seja o melhor método, mas pode-se dizer que o cabe ao professor proporcionar ao aluno atividades envolventes e relacionadas com seus

interesses, independentemente de outras atividades e responsabilidades que o aluno tenha no seu dia-a-dia. Isto faz com que o aluno esteja cada vez interessado em retomar seus estudos e melhorar suas competências comunicativas em língua estrangeira.

REFERÊNCIAS

- BROWN, H. D. **Teaching by principles: an interactive approach to language pedagogy**. 2.ed. New York: Longman, 2000.
- CHAGAS, R. Valnir C. **Didática especial de línguas modernas**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1957.
- DIAS, Mauricio. **Sete décadas de história: Sociedade Brasileira de Cultura Inglesa**. Rio de Janeiro, Sextante Artes, 1999.
- JACOBS, Michael. **Como não ensinar inglês: erros comuns e soluções práticas comentadas**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2009.
- LAKOMY, Ana Maria. **Teorias cognitivas da aprendizagem**. 2. ed. rev. e atual – Curitiba: Ibpex, 2008.
- LEFFA, Vilson J. **O ensino de línguas estrangeiras no contexto nacional**. Contexturas, APLIESP, n. 4, p. 13-24, 1999. Disponível em: <http://www.leffa.pro.br/textos/trabalhos/oensle.pdf> Acesso em: 25/11/2014
- MELO, Alessandro de. URBANETZ, Sandra Terezinha. **Fundamentos da didática**. Curitiba: Ibpex, 2008.
- MOROSOV, Ivete. MARTINEZ, Juliana Zeggio. **A didática do ensino e a avaliação da aprendizagem em língua estrangeira**. Curitiba: Ibpex, 2008.
- MULIK, Katia Bruginski. **O ensino de língua estrangeira no contexto brasileiro: um passeio pela história**. Disponível em: http://www.academia.edu/1506870/O_ensino_de_lingua_estrangeira_no_contexto_brasileiro_um_passeio_pela_historia Acesso em: 23/11/2014
- NOGUEIRA, Makeliny Oliveira Gomes. **Aprendizagem do aluno adulto: implicações para a Prática Docente no Ensino Superior**. Curitiba: Ibpex, 2011.
- OLIVEIRA, M. K.; REGO, T. C. Vygotsky e as complexas relações entre cognição e afeto. In: ARANTES, V. A. (org.) **Afetividade na Escola: alternativas teóricas e práticas**. São Paulo: Summus, 2003.
- RANGEL, Mary. **Métodos de ensino para a aprendizagem e dinamização das aulas**. 3.ed. – Campinas, SP – Papirus, 2007.
- RAPAPORT, Ruth. **Comunicação e tecnologias no ensino de línguas**. Curitiba: Ibpex, 2008.

SANT'ANNA, Magali Rosa de; SPAZIANE, Lúdia; GÓES, Maria Cláudia de. **As principais metodologias de ensino de língua inglesa no Brasil**. 1.ed. – eBook – Jundiaí, SP: Paco Editorial, 2014.